

Dívida com instituição alcança US\$ 2,206 bilhões

por Maria Clara R. M. do Prado
de Brasília

A missão negociadora do Fundo Monetário Internacional (FMI) chega hoje a Brasília com a tarefa de concluir o levantamento das estatísticas econômicas referentes a 1990 e ao primeiro semestre de 1991 — nos termos do artigo 4º dos estatutos do organismo — e dar início aos entendimentos que buscam acertar um acordo do tipo "stand-by", em princípio envolvendo um nível de financiamento que pelo menos cubra as despesas que o País tem de pagar à instituição, por conta de acordos firmados no passado.

A dívida do Brasil com o FMI, conforme posição de dezembro do ano passado, alcançou US\$ 2,206 bilhões. Só em amortizações, foram desembolsados pelo País em 1990 US\$ 741 milhões, enquanto para este ano o pagamento de principal previsto está estimado em US\$ 652 milhões.

O perfil da dívida até aqui contraída com o FMI pressupõe pagamentos a título de amortização até 1995, no seguinte esquema: US\$ 582 milhões em 1992, US\$ 446 milhões em 1993 e US\$ 132 milhões em 1994. Os juros devidos ao FMI estão em torno de 8% ao ano.

RECURSOS VÃO PARA RESERVAS

Os recursos desembolsa-

dos pelo FMI entram diretamente no caixa do País e são automaticamente absorvidos pelas reservas internacionais, ajudando a melhorar a situação da disponibilidade cambial. A metodologia de contabilização dos fluxos com o FMI (entradas e saídas) é, portanto, diferente dos registros de desembolsos envolvendo, por exemplo, os recursos do Banco Mundial, que faz empréstimos de médio e longo prazos para projetos específicos de desenvolvimento. A dívida do País com o Banco Mundial, segundo dados do BC, somava US\$ 8,593 bilhões em dezembro do ano passado, com amortizações que pesam mais substancialmente nas contas externas do país: em 1990, o país pagou US\$ 1,258 bilhão de principal ao Banco Mundial e, neste ano, as projeções apontam para gastos de US\$ 1,280 bilhão.

Ainda desta vez a missão do FMI será chefiada pelo economista chileno Thomas Reichmann, que já deixou a chefia da divisão do Atlântico Sul para comandar a divisão do México, mas será sua última visita ao Brasil como titular de uma missão negociadora.

Em seu lugar, já está definido o nome do economista argentino José Fajgenbaum, que também integra a atual missão, com a expectativa de permanecer no País pelo menos por um mês.